

Locke, Descartes e o Paradoxo Weberiano¹

José R. Maia Neto*

1. O paradoxo weberiano atinge a racionalidade da ação instrumental em que meios são utilizados para a realização de fins. No caso típico-ideal (no sentido weberiano do termo), os meios são desprovidos de valor intrínseco, possuindo valor puramente instrumental, e os fins são constituídos por, ou referidos a, valores espirituais (sobretudo de natureza ético-religiosa). O paradoxo eventualmente surge quando o prolongado emprego de meios ocasiona sua valoração pelos atores que os utilizam. Meios se tornam fins em si mesmos e os fins originais que atribuíam sentido à ação instrumental são esquecidos ou relegados a um segundo plano. Em Weber este paradoxo é uma hipótese explicativa da configuração cultural do mundo ocidental moderno, sobretudo, do surgimento do capitalismo. A metodização do trabalho e a acumulação de bens temporais são, de acordo com a ética protestante, meios de testemunhar a predestinação divina. Com a prática prolongada desta ética, a acumulação e racionalização do trabalho se tornam fins em si mesmos, sua motivação e justificação religiosa originais desaparecem, e o capitalismo se estabelece como prática econômico-social totalmente secular².

2. O *Ensaio sobre o Entendimento Humano* foi inicialmente concebido por Locke como uma investigação propedêutica, objetivando a clarificação de

* Departamento de Filosofia da Washington University, St. Louis.

1 Este artigo é dedicado a Jenny Case. As conversas que mantivemos sobre Max Weber e sobre a relevância prática da filosofia da ciência originaram algumas das idéias aqui expostas. Agradeço também os comentários de Richard Watson, Steven Schwarzschild e George Plumley.

2 Weber, Max, *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, trad. Talcott Parsons, New York, Scribner, 1956.

questões relacionadas aos « *principles of morality and revealed religion* », surgidas em um debate ocorrido em 1670³. Três décadas separam este debate da primeira edição do *Ensaio*.

3. Não há muito sobre princípios de ética e de religião revelada no *Ensaio*. Esta lacuna é significativa dada a motivação e propósito originais de Locke (eu volto a este ponto no item 5). O que é importante observar aqui é que apesar deste relativo silêncio, há significativos sinais da intenção original de Locke. Em grande medida as teses epistemológicas do *Ensaio* visam (são meios para) a asserção e justificação de posições eminentemente normativas.

3.1. O livro IV é, para Locke, o principal. As discussões sobre a natureza das idéias (livro II) e palavras (livro III) suportam a teoria normativa de assentimento que constitui o cerne do livro IV. O grau de probabilidade de uma proposição ou crença indica o grau de certeza que ela permite e, portanto, o grau apropriado de convicção com que deve ser assumida.

3.2. A crítica ao inatismo do livro I visa o encorajamento do uso das faculdades intelectuais de maneira a reduzir ao mínimo possível a dependência do conhecimento na autoridade e tradição.

3.3. A tese fundamental de Locke da impossibilidade de conhecimento das essências reais de substâncias visa desviar nossos esforços intelectuais da inútil busca por essências para os objetos apropriados à condição e cognição humana, a saber, e nesta ordem de importância, Deus, ética, e os fenômenos da natureza que tenham utilidade prática.

3.4. O ceticismo de Locke a respeito da possibilidade de conhecimento de substâncias tem um fundamento religioso e uma função apologética. Locke diz que não importa quantas idéias simples sejam adicionadas à essência nominal de uma substância, sua essência real permanecerá sempre para além de nossa compreensão. Somente Deus conhece essências reais uma vez que tal conhecimento pressupõe onisciência. As « qualidades terciárias » ou « poderes » de substâncias são funções da interação de cada substância particular com uma infinidade de outras no universo (IV, vi, 11). Pretender ter conhecimento de essências reais revela uma pretensão, epistemológica e religiosamente equívoca à onisciência. É importante ressaltar que Locke não põe em dúvida a existência de essências reais ou a regularidade da natureza. Ao contrário, é porque as leis da natureza e as essências reais são por demais complexas que nós, frágeis criaturas, somos incapazes de compreendê-las. O ceticismo de Locke revela, portanto, a estreiteza do conhecimento humano por um lado, e a grandeza da sabedoria

3 Locke faz uma referência a este debate na introdução do *Ensaio* (Locke, John, *An Essay Concerning Human Understanding*, 2 vols, Alexander Fraser (org.), New York, Dover, 1959, vol. I, p. 31. Todas as citações de Locke que se seguem são desta edição), e James Tyrrell, um dos participantes, especifica os tópicos discutidos (*cf.* Fraser, *op. cit.*, p. xviii).

divina por outro (e.g., IV, iii, 28)⁴. Locke repetidamente denuncia como inaceitável presunção a tentativa humana de atravessar esta linha.

4. O item 3.3 merece exame mais próximo. Locke afirma serem a ética e a religião matérias « *of the highest concernment* » (III, ix, 22). Uma outra área para a qual Locke também solicita a atenção dos filósofos é a filosofia natural, não a peripatética, « especulativa », mas a « nova ciência » experimental, capaz de trazer benefícios para a vida prática. Mesmo esta última, porém, tem importância secundária. Locke afirma que « *morality is the proper science and business of mankind in general* », enquanto que às ciências experimentais são « *the lot and private talent of particular men* » (IV, xii, 11).

5. Embora 3.4 possa sugerir o contrário, o fato é que o *Ensaio* não cumpriu (ou, pelo menos, não plenamente) seu propósito original. No que diz respeito à clarificação dos princípios éticos, o objetivo visado certamente não foi atingido. Embora Locke afirme que a ética é passível de demonstração matemática (III, xi, 16), e que sua demonstração é matéria da maior importância, Locke admite tratar-se de empreitada extremamente difícil. As idéias próprias da ética não permitem a mesma significação precisa por palavras que permitem as idéias matemáticas (III, ix, 8-9). No que diz respeito à religião revelada, se alguma conclusão pode ser extraída do *Ensaio*, esta é certamente negativa. Locke reconhece a validade de revelações originais mas é extremamente crítico da validade de sua transmissão através das gerações pela tradição (oral e escrita). Mesmo o estatuto de uma revelação original é em grande medida subvertido, uma vez que Locke afirma ser necessário o escrutínio das verdades reveladas pelas luzes naturais de maneira que sua autenticidade divina seja atestada (IV, xviii). Além disto, todo cuidado ao lidar com questões relacionadas à religião revelada é necessário para evitar « entusiasmo » (IV, xix) e para mitigar a autoridade da tradição (IV, xviii).

6. Dada a dificuldade aludida no que concerne à ética, e a suspeita e limitação que envolvem a religião revelada, estas duas áreas de interesse primário são relegadas a um segundo plano e a ciência experimental, de importância secundária comparativamente à ética e religião, torna-se o principal objeto de conhecimento. Embora esta terceira área de interesse humano também tenha justificação normativa em Locke, trata-se de esfera desprovida de significação propriamente espiritual comparativamente às duas outras. O lado normativo de Locke indicado em 3. é portanto obscurecido. O que é realçado é o Locke filósofo da ciência. O caráter antimetafísico do *Ensaio* já não é visto no contexto da

4 Locke observa que ainda que fosse possível conhecer as microscópicas qualidades primárias que causam idéias secundárias, tal conhecimento não seria desejável. Pois neste caso, a função prática principal das idéias secundárias, *viz.*, possibilitar a orientação do nosso corpo no mundo em que Deus nos colocou, ficaria comprometida (II, xdií, 12).

teologia negativa que denuncia o caráter anti-religioso da pretensão humana em conhecer substâncias, sendo antes explicado em função da inutilidade (do ponto de vista pragmático da ciência experimental) de tal conhecimento, O trabalho de Locke como um « *under-labourer clearing the ground, and removing some of the rubbish that lies in the way to knowledge* » (« Epístola ao Leitor », p. 14), que seria, originalmente, de importância secundária e meramente instrumental, torna-se primário e possuído de valor intrínseco. Ao invés de uma propedêutica para a ética e religião, a filosofia torna-se serva da ciência, isto é, torna-se filosofia da ciência. Os livros II e III, contrariamente à intenção de Locke (Introdução, p. 27 & II, xxxiii, 19), tornam-se mais importantes que o livro IV⁵. Em suma, o que era originalmente meio de clarificação dos princípios da ética e da religião revelada torna-se ou um meio para um fim diferente de importância secundária ou um fim em si mesmo.

7. É legítimo especular que Locke tenha se perturbado com este resultado paradoxal (de maneira análoga aos primeiros capitalistas ainda envolvidos com a religiosidade original que motivava a prática econômica). Na melhor das hipóteses, sua investigação sobre o entendimento humano somente indicou as enormes dificuldades relacionadas à ética e à religião revelada. Locke então devota os restantes nove anos de sua vida à exegese do Velho e Novo Testamentos e à vindicações da razoabilidade do cristianismo. Entretanto, a tradição empirista que o sucede deixa eventualmente de lado questões de natureza moral. As obras sobre o cristianismo que Locke escreveu ao final de sua vida são desprezadas. Seus objetivos práticos originais já foram há muito esquecidos pelos filósofos da ciência contemporâneos que reivindicam pertencem a sua tradição (como capitalistas contemporâneos, para quem a ética protestante já não tem significado).

8. Uma referência sumária ao lugar da ética na filosofia de Descartes será suficiente para mostrar que o problema aqui levantado é comum às duas vertentes principais da epistemologia moderna. Descartes indica este lugar no prefácio da edição francesa de 1647 dos *Princípios da Filosofia*, ocasião em que faz um balanço geral de sua obra e projeto filosófico.

9. Não costuma ser muito notado nos estudos sobre Descartes o propósito fundamentalmente prático que Descartes atribui a sua filosofia. Este propósito é explícito na sua concepção de filosofia : « *a perfect knowledge of all things that mankind is capable of knowing, both for the conduct of life and for the preservation of health and the discovery of all manners of skill* »⁶.

10. O caráter *provisório* do código moral oferecido no *Discurso sobre o Método*

5 Cf. Fraser, vol. I, p. 28, nota 3.

6 Descartes, René. *The Philosophical Writings of Descartes*. 2 vols. John Cottingham (org.), Robert Stoothoft, and Dugald Murdoch, New York, Cambridge University Press, 1958, v. I, p. 179.

é reafirmado no prefácio⁷. Trata-se de um código moral pré-filosófico, instrumental na aplicação do método da dúvida, a ser substituído, segundo Descartes, por uma « moral perfeita », filosófica, assim que as ciências que a pressuponham (mecânica e medicina) tenham sido estabelecidas de acordo com o método. O estabelecimento da moral filosófica significaria para Descartes o coroamento dos seus esforços filosóficos, o fim último de sua filosofia.

11. Este fim e, portanto, o paradoxo de nenhuma moral filosófica ter sido estabelecida seja por Descartes, seja por seus discípulos, podem ser verificados na imagem da filosofia como árvore : « *Thus the whole philosophy is like a tree, the roots are metaphysics, the trunk is physics, and the branches emerging from the trunk are all the other sciences, which may be reduced to three principal ones, namely medicine, mechanics and morals. [...] Now just as it is not the roots or the trunk of a tree from which one gathers the fruit, but only the ends of the branches, so the principal benefit of philosophy depends on those parts of it which can only be learnt last of all* »⁸.

12. O não estabelecimento da moral filosófica significa, portanto, que a árvore permaneceu estéril no que diz respeito à ética. Há pois um paradoxo semelhante ao observado em Locke. A epistemologia, metafísica e física, originalmente meios, tornam-se fins em si mesmos, e a ética, originalmente o principal fim da empreitada filosófica, é abandonada e esquecida.

13. Tomando como base os projetos filosóficos destes dois principais fundadores da epistemologia moderna, conclui-se que o paradoxo weberiano atinge as duas raízes centrais da filosofia da ciência (o empirismo e o racionalismo). Verifica-se assim que a racionalidade original da epistemologia, *viz.*, clarificar questões morais, é fundamentalmente instrumental. Sua constituição enquanto disciplina autônoma autojustificada, é, portanto, uma irracionalidade : um meio que se torna um fim em si mesmo. Esta conclusão é consistente com a visão weberiana da modernidade como processo de « desencantamento do mundo »⁹. O paradoxo de meios tornando-se fins, com o conseqüente abandono dos fins originais, significa o banimento de valores espirituais (éticos e religiosos) do mundo da vida. Não surpreende pois que a filosofia da ciência seja instrumento e resultado deste processo¹⁰.

7 Descartes diz que na primeira parte do *Discurso* « [he] summarized the principal rules of logic and of an imperfect moral code which we may follow provisionally while we do not yet know a better one » (*Ibid.*, v. I, pp. 186-87). (Ênfases minhas.)

8 *Ibid.*, v. I, p. 186.

9 Weber, Max. « Science as a Vocation » in *From Max Weber, Essays in Sociology*, H. H. Gerth and C. Wright Mills (orgs.), New York, Oxford University Press, 1946, pp. 129-156.

10 Alguns heterodoxos filósofos da ciência contemporâneos (Paul Feyerabend é o principal exemplo) têm criticado a autonomia e autojustificação da ciência e da filosofia da ciência, insistindo em seu estatuto de meio para fins de natureza prática, fins ético-espirituais inclusive.